

MÚSICA E CULTURA NEGRA NO BRASIL!



Música e Cultura Negra no Brasil by Gustavo Fiorentino Moreira, Beatriz de Oliveira Danielson, Daniel Silva Ramos, João Gabriel Cherigatto, Maria Amália da Silva Manoel, Maria Julia de Souza is licensed under [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



MÚSICA E CULTURA NEGRA NO BRASIL!

Escrito por

Beatriz de Oliveira Danielson

Daniel Silva Ramos

Gustavo Fiorentino

João Gabriel Cherigatto

Maria Amália da Silva Manoel

Maria Julia de Souza

Design e Layout

Gustavo Fiorentino

&

Beatriz de Oliveira Danielson

Orientadora

Isabelle Batista Pachioni

Professora

Geovana Chiari

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Movimento Black na ditadura
3. Ascensão do Rap
4. Chegada do Reggae
5. Atualidade

INTRODUÇÃO

Já parou pra pensar de onde vem a música que a gente curte todo dia, seja nos fones de ouvido ou nas festas com a galera? Aquele som que mexe com a gente, que faz o corpo se mexer quase que automaticamente?

A verdade é que a história da música é uma jornada longa, cheia de encontros e trocas culturais ao longo dos séculos. E o beat que embala praticamente todos os estilos musicais que a gente ouve hoje tem raízes profundas nos tambores africanos. Por trás desse som, há uma história complexa, a da diáspora africana, quando milhões foram forçados a deixar suas terras e viver em condições desumanas.

Isso é uma cicatriz profunda na história da humanidade. Mesmo em meio à dor e à opressão, a música emergiu como uma forma vital de resistência, de manter viva a cultura e a identidade daqueles que foram brutalmente deslocados. Ela se tornou um elo poderoso entre as gerações, preservando histórias, memórias e tradições que poderiam ter sido perdidas.



Foto: reprodução/ @bailedadurag

INTRODUÇÃO

Mas a música não é só entretenimento! Ela é um reflexo vivo da história e da cultura de um povo. Nos anos 60 e 70, por exemplo, o Brasil viveu um dos períodos mais marcantes para a música, com a ascensão de grandes nomes e estilos que, mesmo sob o peso da Ditadura Militar, conseguiram expressar a alma e a resistência de uma nação. O rádio e a TV se tornaram veículos essenciais para espalhar esses sons que até hoje influenciam a música que a gente ouve.



Neste e-zine, vamos explorar alguns desses sons que marcaram época e ainda fazem história. Então, embarque com a gente nessa viagem sonora para descobrir mais sobre a nossa história através da música!



RITMO E RESISTÊNCIA:

O MOVIMENTO BLACK DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Em meio aos anos de chumbo, como ficaram conhecidos os anos da ditadura militar no Brasil, em um país sufocado por ela, uma batida atravessava os subúrbios do Rio de Janeiro. A batida da soul music, que já dominava as paradas nos Estados Unidos com artistas como James Brown, Marvin Gaye e Aretha Franklin, começava a ressoar nas festas e bailes populares da cidade. Esse movimento, que ficou conhecido como Black Rio, não era apenas sobre música: era uma forma de resistência, identidade e celebração da cultura negra em um Brasil que, até então, pouco reconhecia essa herança.

O epicentro desse movimento cultural foi o subúrbio carioca, onde jovens negros, marginalizados pelo regime autoritário e pela sociedade elitista,

encontraram nos bailes black um espaço para afirmar suas raízes e se conectarem com as lutas do Movimento Black. Entre as figuras mais importantes nesse cenário estava Asfilófilo de Oliveira Filho, apelidado de Dom Filó, fundador do Movimento Black Rio, que organizava os eventos e incentivava a juventude a se orgulhar de sua cor e cultura.



Foto: Colagem James Brown (á Direita), Marvin Gaye (Á esquerda) e Aretha Frankling (Ao Centro).

OS BAILES BLACK

Por volta de 1976, os bailes black já haviam se transformado em um verdadeiro fenômeno social. Festas como as organizadas no Clube Renascença, no bairro do Andaraí, tornaram-se os principais pontos de encontro da juventude negra do Rio de Janeiro, que, comandados pelas equipes de som como Tropa Bagunça, Atabaque, Revolução da Mente, Soul Grand Prix, Black Power e Furacão 2000, dançavam e celebravam suas identidades em meio a um contexto de repressão política. A repressão era tanta que os eventos, seus organizadores e DJs foram, em sua maioria, espionados e perseguidos pela ditadura. Nem mesmo artistas como Gerson King Combo, Tony Tornado e Carlos Dafé se livraram desse mal.



Ouçá a playlist desse período no Spotify!



Foto: Respectivamente / Militar com cassete na mão, registros de um baile Black e Gerson King Kombo.

REPRESSÃO E PERSEGUIÇÃO

A lógica da Ditadura Militar era vigiar e acompanhar de perto o Movimento Black com preocupação. O medo era de que esse fenômeno cultural pudesse se tornar uma ameaça política, criando, segundo eles, “um braço dos Panteras Negras no Brasil”. Nessa época, a discussão política dentro desses ambientes ainda não era amplamente estabelecida; no entanto, aos olhos dos militares, apenas a existência de jovens negros reunidos, expressando sua cultura e celebrando suas raízes já era motivo de sobra para tomarem medidas em nome da segurança nacional, independentemente do conteúdo das mensagens que eram transmitidas dentro dos eventos.

À medida que o movimento crescia, a vigilância e as reações do DOPS foram se intensificando. A essa altura, as batidas policiais nos Bailes Black já eram frequentes



Foto: Dom Filó ao lado de Mano Brown

sob a premissa de “manter a segurança pública” e combater as “classes perigosas”. Em 1976, na saída de um baile, Asfilófilo de Oliveira Filho foi sequestrado, encapuzado e preso pelo Departamento de Ordem e Política Social. Dentro de um camburão, foi levado até o DOPS-CODI, onde foi submetido a interrogatório sob luzes intensas; nesses, era acusado de influenciar conflitos internos, ser comunista e ter ligação com movimentos antirracistas norte-americanos, como os Panteras Negras.

IMPACTO CULTURAL

A soul music importada dos EUA encontrou um terreno fértil no Rio de Janeiro e em São Paulo, inspirando artistas como Tony Tornado e Gerson King Combo a incorporarem essa sonoridade em suas produções, ao passo que esse terreno fértil gerou frutos não apenas no soul, mas em muitos outros estilos musicais que beberam de sua fonte. Na MPB, influenciou artistas como Jorge Ben Jor, que misturou samba, rock, soul e funky em um estilo único. Wilson Simonal, que foi à sua época o primeiro cantor negro a disputar o topo das paradas, batia de frente com Roberto Carlos em questão de público, tinha o timbre mais surpreendente do Brasil e animava a plateia como nenhum outro; liderou o movimento da Pilantragem, combinando samba e rock com soul. Tim Maia também incorporou soul e funky em suas músicas, fortalecendo a conexão entre o movimento Black Rio e a MPB, unindo soul e brasilidade.

Nos anos 80, o hip-hop e o rap emergiram como sucessores desse movimento de resistência cultural, mantendo o legado dos bailes soul e expandindo-o com novas narrativas sobre a vida nas periferias e a luta racial. Artistas do movimento hip-hop, como Thaíde e DJ Hum, deixavam muito claras suas influências do soul e do samba-rock, evidenciando assim a continuidade de um movimento que começou com a celebração da identidade negra nos bailes e evoluiu para um veículo de crítica social e protesto.



Discotecário Johnny (direita), Tim Maia (centro) e Cesar, do Carioca Club (esquerda), em festa no Clube Bando do Brasil, em 1975 (Foto: Divulgação)

ASCENSÃO DO RAP

CHEGADA DO MOVIMENTO HIP HOP NO BRASIL

Nos anos 90, o rap paulistano explodiu com força total, trazendo uma onda de criatividade e organização entre rappers e outros integrantes do movimento. Muitas vezes, o hip-hop é visto como apenas uma 'onda' de jovens desinformados. Mas vamos combinar: essa ideia está muito longe de ser verdade!

As letras dos rappers não são apenas rimas; elas trazem críticas sociais, questionamentos e propostas que têm um impacto real.



Foto: Helião, Sandrão, Negra li, Rappin' Hood, Sabotage, DBS, Dj Cia (1999). Divulgação/Facebook

Artistas como Racionais MC's, Sabotage e Facção Central foram pioneiros, usando suas vozes para falar sobre a realidade das periferias, injustiças sociais e a luta por direitos.

Ao longo dos anos, o hip-hop conseguiu transformar a dinâmica educativa de milhares de jovens. O que antes parecia apenas entretenimento agora se revela como uma poderosa ferramenta de transformação. A prática artística e política dos integrantes do hip-hop ressoou de verdade!

Em meio a desafios e contextos complicados, suas vozes criaram um ambiente de discussão e consciência política nas periferias brasileiras. O hip-hop não é só ritmo; é resistência, é luta e é uma verdadeira escola de vida!

O IMPACTO DO RAP NACIONAL TEVE COMO PRINCIPAL EXPOENTE O GRUPO RACIONAIS MC'S

O grupo de rappers, com sua poesia, alcançou diferentes regiões do país, criticando em forma estética a violência que permeia a sociedade brasileira.

As denúncias, os questionamentos e as sugestões difundidas por eles em músicas e atividades culturais foram capazes de educar e ajudar a construir a visão política de milhares de jovens da periferia.

Ao questionar a visão pacífica e amigável que sustenta o mito da democracia racial brasileira, o grupo conseguiu criar uma nova forma de identificação, não mais baseada na imagem do pobre alegre e festivo, mas do preto, pobre e periférico que não aceita a opressão e revida.

Se os anos 90 foram marcados por um nítido antagonismo racial e de classe na prática artística e política de Mano Brown, não se pode negar que, ao fim dessa década houve uma certa flexibilização no discurso do rapper.

Sobre a introdução de novos temas em suas músicas, ele afirma:

“Não vou mais traçar retrato de lugar nenhum para ninguém. Muito menos para os ricos. Eu não vou mais mapear minha quebrada para os caras. Não vou lavar roupa suja para eles ouvirem”. (MANO BROWN, 2009).



Foto: Racionais MC's

CHEGADA DO REGGAE

O reggae, nascido na Jamaica, chegou ao Brasil na década de 1970, principalmente em São Luís (MA) e Salvador (BA). Essas cidades, com forte influência afro, foram cruciais para a expansão do gênero no país. São Luís é conhecida hoje como a "Ilha do Reggae", um título conquistado após mais de 30 anos de apropriação cultural.

O grupo Olodum, fundado em Salvador em 1979, criou o samba-reggae, uma fusão de ritmos brasileiros com o reggae jamaicano. Tombado como Patrimônio Cultural pela ONU, suas cores (verde, vermelho, amarelo, preto e branco) simbolizam a luta e o orgulho afro-brasileiro. Além da música, o Olodum promoveu projetos sociais, como a Banda Mirim do Olodum.



OUÇA-NOS

No Brasil, o reggae se tornou um meio de promover mensagens de união, igualdade e resistência. Suas letras abordam temas como amor, paz e justiça social, servindo como ferramenta de conscientização e transformação social.



Foto: Ingrid Barros/Sobre o Tatame



Foto: Jornalismo Sou Notícia

A Magia da Música Contemporânea XXI

A música contemporânea brasileira é um verdadeiro festival de sons e ritmos que se entrelaçam em uma explosão de diversidade! É como um caldeirão cultural, onde tradições africanas, indígenas e europeias se misturam, criando novas melodias que refletem a riqueza da nossa identidade.

Essa fusão não só enriquece a sonoridade, mas também traz à tona questões sociais e políticas que fazem a gente refletir. Os artistas contemporâneos se conectam com suas raízes e as realidades atuais, utilizando suas vozes para abordar temas como desigualdade, identidade e resistência.

Com o crescimento das plataformas digitais, novos talentos têm a chance de brilhar e alcançar públicos diversos, promovendo uma verdadeira democratização da música. O hip-hop e outras expressões urbanas se destacam como formas de manifestação cultural, refletindo as lutas e aspirações das novas gerações.

Gêneros como samba, forró, funk e MPB se reinventam, mostrando que a música pode ser um eco das vozes que nunca mais poderão ser silenciadas.



OUÇA-NOS



REFERÊNCIAS

MANO BROWN RECEBE DOM FILO NO ORIGINAL SPOTIFY MANO A MANO. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.jornaldorap.com.br/rap-nacional/mano-brown-recebe-dom-filo-no-original-spotify-mano-a-mano/>. Acesso em: 19 set. 2024.

PEDRETTI LIMA, Lucas. BAILES SOUL, DITADURA E VIOLÊNCIA NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS NA DÉCADA DE 1970. 2018. MESTRE EM HISTÓRIA - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, Brazil, 2018. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=52100@1. Acesso em: 24 ago. 2024.

PESQUISA TRAÇA O HISTÓRICO DOS BAILES DE BLACK MUSIC EM SÃO PAULO | MEMÓRIA. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/pesquisa-traca-o-historico-dos-bailes-de-black-music-em-sao-paulo/>. Acesso em: 19 set. 2024.

ALEXANDRE, Ricardo. Nem vem que não tem: A vida e o veneno de Wilson Simonal. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2009.

LOUREIRO, Bráulio. O ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”: uma leitura gramsciana do rap no Brasil. Revista HISTEDBR On-line, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 419–447, 2017.

OLODUM: 40 ANOS DE HISTÓRIA — FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/olodum-40-anos-de-historia>. Acesso em: 20 set. 2024.

HISTÓRIA DO REGGAE NO BRASIL: RITMO E RESISTÊNCIA - CULTURA NOVA FASE. In: 29 jan. 2024. Disponível em: <https://culturanf.com.br/desbrave-a-historia-do-reggae-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2024.

